ABC

500 rs. · Revista Portuguesa · 50 cts.

AVEIRO

A Tricana — Nossa Senhora do Encantamento

Terrinha de graça, branca, cheia de sol, aguas e marinhas, o céu azul: Aveiro!

Aveiro é a roupa lavada da paisagem lusitana — uma roupa clara, sem manchas, pintalgada de sal, porque nunca a alma das coisas e a luz candidissima dos ceus se casaram tão harmoniosamente para dar a Deus o linho branco duma missa emotiva: a da Beleza.

Vir a Aveiro é assim vestir uma «toilette» nova, intima, uma «toilette» de ideias novas através das quais as outras terrinhas e pousadas do paiz se vêem ao longe cobertas de poeira... Nos seus fundos de aguarela bucolica pintada elisealmente num fundo de porcelana — a porcelana da Vista-Alegre — há um ar saudavel de lirismo tentando as almas, as almas dos que anseiam e sonham! Por isso esta terra lavada, que a asa das gaivotas bate constantemente no coradouro flavo das areias é a Vichy genésica dos espiritos para todos os doentes do tedio português — doentes do ritmo, doentes da arte...

* * *

Ha uma espiralancia de sonho á flôr destas aguas e desta terra. A linha sinuosa dos «canaletos», veneziana nas imagens que sugére, dá um «décor» exótico, carregado de flamas e hipnose, á soalheira paisagem da noiva helenica do Vouga.

Pró mar, surge o scenario magnifico das marinhas onde o sal branquêja como florações imaculadas dum colossal nenufar que estendesse o capricho dos seus veios de prata por todo o delta do rio.

A fechar o horisonte, como nas aguas de Cartago, afuzadas, picando o céu, as mastreações dos veleiros dos ancoradouros da Gafanha — valente esquadrilha das ondas que, todos os anos, sai para a faina da Terra Nova e que ainda parece scismar corajosa e triste, no sonho maritimo de Quatrocentos: um sonho que, por Deus, ainda não morreu de todo na pupíla abrazada dos seus morenos tripulantes... Depois, a linha esbatida da praia de S. Jacinto com o seu «hangar» de aviões, e terminando esta frase de aguas, ironizada de sal, o «ponto de admiração» do farol da Barra encarregado de escrever no pano negro da noite as suas reticencias de luz — as reticencias da vida do Mar, dramática, grifada de rúbricas, interrogativa...

Por dentro, o interior da cidade continúa a ser todo de roupa branca: — ruas, avenidas, praças e canais onde a Luz passeia todo o dia, todo o santissimo dia, em claridades de noivado, nupcial, em camisa de seda de dormir das vitrines «chics» do «Pompeu Pereira», com entremeios de algas marinhas e perfumes sensuais do «Ratola».

Fóra disto os «Arcos» — que são a máscara tipica da cidade, a sua fisionomia indígena, e só para indígenas. Porque Aveiro tambem tem a sua arcada, como Lisbôa, como todas as Lisboas do universo. E' aqui que nós podemos folhear o album da sua vida mental — no reduzido «mentalismo» desta cidade mais cultista do corpo que do espirito — como folheamos as páginas do «A B C» que se vende todas as sextas-feiras sob o tecto razo desta via latina. Os «Arcos» foram sempre e serão ainda sempre (até que lhe impeça o córte feito pelo prolongamento da Avenida da Cidade — explendido esforço de estética do dr. Lourenço Peixinho) — o cérebro de Aveiro. Nem para isso lhes falta uma «Brazileira do Chiado» que o nosso amigo Abreu, fotógrafo artista desta crónica sem arte, traduziu para aqui com o título local de «Cisne da Arcada».

Uma encantadora: o chaile e rosas, olhos e paixões (Cliché Ramos

Ora é neste café que as bôcas do mundo tem a sua bôca pública, e a bôa e má-lingua, a gloria do «Lusitânia» e os acontecimentos sem gloria, as reputações alheias, os escandalosinhos elegantes, as tricas eleiçoeiras e as desilusões politicas, tudo passa burguêsmente num comentário sonolento, a desafiar Camilo, á espera que caiam as 11 no relógio da torre da cadeia para os «habitués» se «irem á deita»... Ao fundo desta sala estreita, espalmada, tipo «sud-express» familiar, aconchegado a uma mesa que todos respeitam e numa cadeira onde ninguem mais se assenta, o dr. Melo Freitas, patriarca erudito da frase alegre, «causeur» amavel e copioso que sabe Aveiro de cór e reduz o mundo a um jornal de viagens que os seus conhecimentos geograficos lêem e ilustram a todas as horas... o dr. Joaquim de Melo — o Gualdino Gomes do burgo — deixa sentar-se á sua mêsa o moço jornalista e continúa a iluminar o seu «chá» liturgico de sempre com as «gouaches» caprichosas:

«Nêste mundo não há nada mais monotono que a monotomia das linhas rectas...»

. . . .

«Andam p'ai a esmurrar-se por causa duma estátua a Pombal. Pois bem, nada mais facil: — agarrem no marquez, vão ao Terreiro do Paço e ponham-no a cavalo no D. José!...

. . . .

e tantos outros fechos de espirito que o jornalista guarda na sua pasta dando as bôas-noite e apertando a mão cerimoniosa do capitão tenente Rocha e Cunha (o 2.º dêste grupo mental) que, no seu riso bom de homem de cérebro e coração, fica ainda a espreitar, atencioso, por detraz dos seus largos oculos de oiro, êste companheiro da palestra quotidiana e ático sacerdote do Humôr!

* * *

A «Costeira» é, aos domingos, após a missa das 11, o

Chiado ás 5 da tarde. Aveiro passa aqui num friso elegante que orgulha o sol. Vai para a Misericordia ouvir a missa—por que é católica — como Lisbôa vai para os «chás» mundanos— porque é futil. E ambas passam, embora com preocupações diferentes, na mesma arteria de frivolidade e ostentação, na mesma rua de la Paix dos «tailleurs: o «Chiado» ou a «Costeira — vitrines de corpos e vitrines de paixões onde, aqui, os gemados mostruarios de «ovos moles» fazem desta cidade a mais dôce, apetecida e deliciosa de todas as cidades conhecidas!

... E ritmica, esbelta, triunfadora — a tricana passa! Passa magestática e graciosa como anfora — a anfora fenicia de que descende. O passo miudo, bem lançado, o busto erguido como magnolia de orgulho que um caule tenro, flexivel como narciso, segura delicadamente — o caule da cintura fina, fragilissima, falenada...; a garganta núa, pedindo colares de filha de rei, a cabeça núa, emoldurada da treva dos cabelos ou diademada com a sêda negra da faixa grêga ou judaica...

Debalde se procura já o tradicional perfil da tricana de meia e chinelinha de quem Aveiro e Ilhavo guardavam com avareza o segredo artistico de trajar. Só para a beira-mar, no bairro remoto de pescadôres, é que ainda algum velho exemplar aparecerá e êste mais por falta de meios monetários do que de desejos de modernização. De resto, as páginas dos cronistas coevos e as fotografias de amadores etnograficos poderão falar dessa indumentária que, embora graciosa, jamais nossos olhos encontrarão a vestir os corpos gomilados das nossas Encantadoras.

A tricana evolucionou, fez-se da epoca. E assim como adquiriu uma «toilete» de ideias novas, ideias mais cultas e solertes, vestiu-se tambem segundo as exigências do seu novo espirito, que é um pouco uma gama do espirito da época. E não podia deixar de ser. Ela ficaria anacrónica no espirito de hoje, elegante e futil, com o corpo vestido á maneira de ontem, de moral espessa e noções mais caseiras. Por isso — e muito bem — já que perdeu aquela simplicidade mental de há vinte, de há cincoenta anos, é logico que tenha abandonado simultaneamente a velha usança como dava graça plastica ás suas formas de nereida classica.

... a salêta melancólica onde costura e ama, onde sonha e sofre...
(Cliché do escultor Romão Junior)

A tricana dêste momento participa já da vida vibratil que nos afoga — vida ansiosa e bizarra em que se quer saber tudo, advinhar tudo e sentir todas as originalidades, aproximar, emfim, de toda a Beleza.

Daqui uma mistura para que se lançam todas as classes, sedentas, em tumulto, e onde nós nos sugestionamos perante a crispação lilaz da mesma sêda e o hálito sensual da mesma «veloutine».

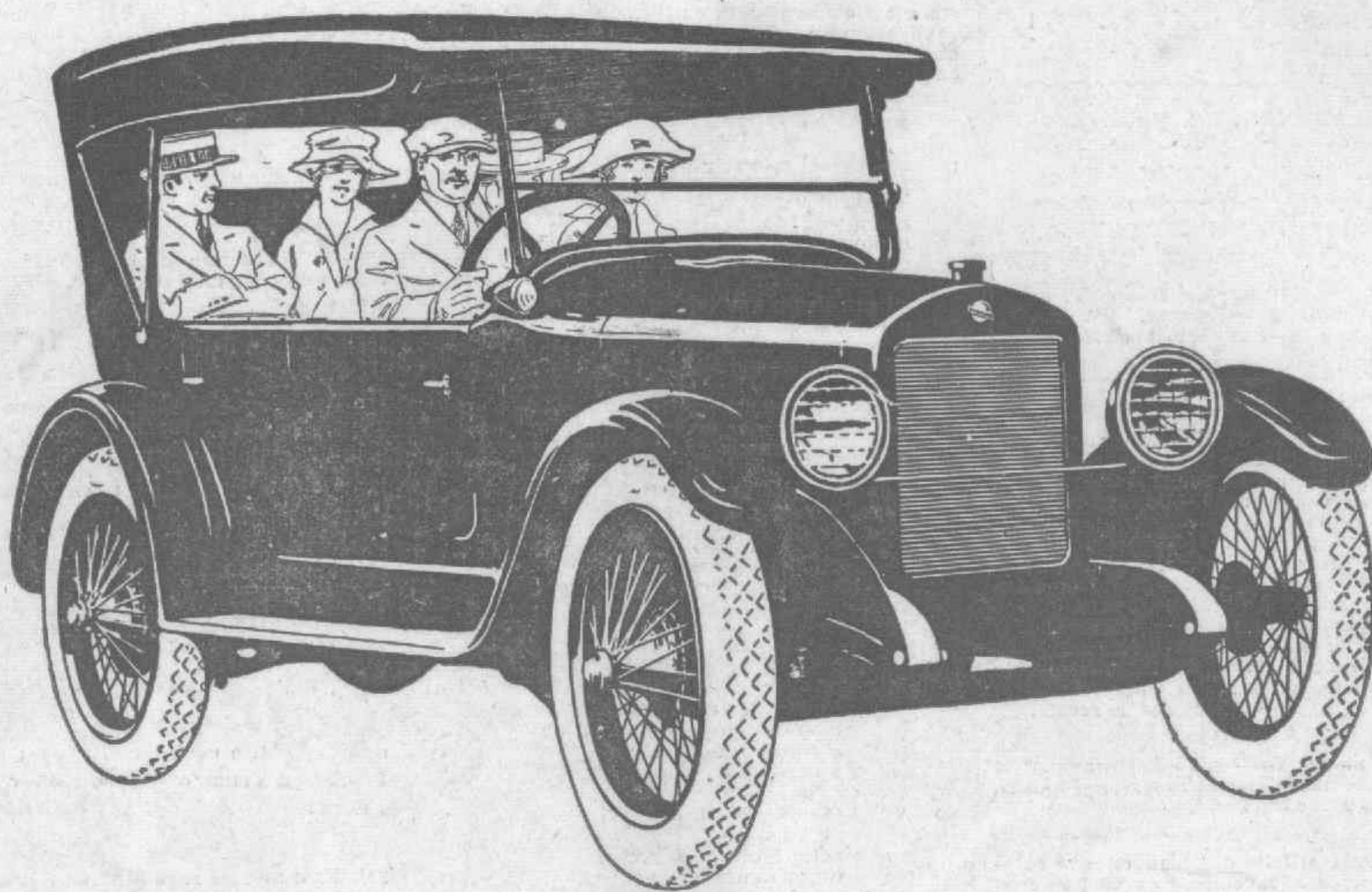
Desta maneira não é raro encontrar-se no mesmo cesto de vêrga em que a tricana costura, um volume de escritor mundano, faulhento, ou nas salêtas que olham para o mar, sôbre a «jardineira» modesta — mas já com «solitarios» afuzelados donde pendem flôres e laços de côr berrante — um livro de versos ou uma tradução dum livro de Zola ou Bourget. De todas a quantas tenho falado, tenho ouvido os nomes de Augusto Gil, Camilo, Junqueiro e tantos outros. Em cása de uma encontrei eu os livros mais intensos de Eça! E desta auto-educação cerebral resultam estes casos que não é dificil deparar: uma hiperexcitação dos sentidos com tendencias para o requinte, a ensaiar coquetismos; e em paixão já algumas manifestações de perversão moral.

Está aqui a figura interior da tricana de hoje. Por conseguinte, que «toilette» lhe deverá pertencer? A resposta está aí, acertada e bela, no traje de hoje, no traje com que ela desce aos domingos, rubra do sol, a rampa da Costeira para ir entrar como abelha de oiro e feitiço em tantos e tão sequiosos, e ardentes, e felizes corações de namorados!...

Tricana de Aveiro — senhora do Encantamento... Ela aí vai encher de graça irisante e voluptual a salêta melancolica onde costura e ama, onde sonha e sofre... — essa salêta cheia de retratos familiares, rosas vermelhas, agulhas de bordar e brochuras românticas, e donde ela ouvirá com tristeza o mar repetir a nostalgica ladainha dos sonhos, das ansiedades e desilusões do seu perdulario coração de apaixonada... de feiticeira vencida!

Aveiro.

A. DE CÉRTIMA

«Panneau» do interior da cidade: aguas de sonho os Arcos
(Cliché de Manuel de Abreu)

A Emprêsa STUDEBAKER só fabrica automoveis de

6 CILINDROS

A razão dos 6 cilindros é ser esta solução a

MAIS PERFEITA E MAIS AGRADAVEL

Os tipos especialmente adaptaveis aos nossos caminhos são:

O BIG-SIX (grande 6 cilindros) e o LIGHT-SIX (ligeiro 6 cilindros)

O GRANDE DE 6 CILINDROS vem consideravelmente melhorado, e graças à disposição especial do seu novo carburador faz uma media de 100 kilómetros com 16,5 litros de gazolina

O PEQUENO DE 6 CILINDROS tem um motor inteiramente novo no nosso país e de tal maneira equilibrado, e estudado, que aguent ndo-se facilmente numa marcha de verdadeiro passo de tartaruga, dum momento para o outro, póde atingir uma velocidade superior a 90 kilometros à hora

Diversas experiências feitas, tem indicado um consumo médio de 10 litros e meio de gazolina para 100 kilómetros percorridos

Para esclarecimentos e acquisições de qualquer

dos modêlos em condições razoáveis, dirigir-se a:

C. Santos, L.[DA] — Rua Nova do Almada, 80 — LISBOA